

A CAVERNA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA VISUAL

CORRÊA, Amanda Ribeiro¹; SCHWANZ, Lílian Aires²; MÜHLEN, Adriane Patzlav von³; SILVA, Patrezi Carvalho da⁴

¹ Acadêmica, Curso de Artes Visuais – Licenciatura – UFPel. amandacorra@hotmail.com;

² Acadêmica, Curso de Artes Visuais – Licenciatura – UFPel. lilianschwanz@hotmail.com;

³ Acadêmica, Curso de Artes Visuais – Licenciatura – UFPel. adrianevon@gmail.com;

⁴ Acadêmico, Curso de Artes Visuais – Licenciatura – UFPel. patrezi@gmail.com;

BRANDÃO, Cláudia M. M.⁵

⁵ Profa. Me, Departamento de Artes e Comunicação – Instituto de Artes e Design – UFPel. attos@vetorial.net

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da reflexão sobre a produção de imagens na contemporaneidade e a relação do homem com as mesmas, visando a compreensão do papel que as imagens desempenham/assumem na sociedade atual para, a partir disso, retirar subsídios que qualifiquem e permeiem as práticas pedagógicas que realizamos como arte/educadores em formação. Para tanto, elegemos como ponto de partida o paralelo traçado entre o romance “A caverna”, de José Saramago (2000) e a alegoria “O Mito da Caverna”, do livro VII de “A República” de Platão. Cabe ressaltar que a investigação insere-se no foco de pesquisas desenvolvidas no PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, UFPel/CNPq, do qual fazemos parte.

Na era da visualidade, as imagens (assim como as sombras projetadas na *Caverna*) educam e constroem as identidades dos sujeitos tornando necessária a compreensão de que seu uso é parte de um contexto cultural. Os estudos na área da cultura visual visam utilizá-las como tema central para os processos pedagógicos. O teórico Fernando Hernández destaca a necessidade de nos aproximarmos das imagens sem critérios de gosto, “e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-las no passado e presente com a finalidade de conhecer seus significados e como afetam nossas ‘visões’” (HERNÁNDEZ, 2000, p.51).

Em muitas escolas ainda se pratica apenas a leitura formal das imagens, desconsiderando o efeito das imagens sobre os sujeitos, sem instigá-los ao questionamento e à interpretação do contexto visual contemporâneo. Hernández destaca a emergência de relacionarem-se os processos de ensino e aprendizagem com a construção do conhecimento na sociedade da informação “com a finalidade de melhor contribuir para que as pessoas sejam cultas (capazes de interpretar[-se] e dar respostas ao que acontece no mundo em que vivemos)” (HERNÁNDEZ, 2000, p.09). Para o autor, o visual está hoje mais presente que nunca, sendo que a televisão e outros meios de comunicação acabam por agir como “educadores” do público, vendendo representações idealizadas de comportamentos e mentalidades, com o agravante de que “a internet permite substituir o ‘real’ pelo ‘virtual’, possibilitando a construção de identidades inventadas e ocasionais” (HERNÁNDEZ, 2000, p.11).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A partir do problema de pesquisa “O papel das imagens na contemporaneidade e aplicação das teorias sobre a cultural visual no ensino das Artes” fez-se um levantamento bibliográfico e, após as leituras e discussões, elaboramos proposições que pudessem direcionar a compreensão sobre o tema em questão. Tal metodologia nos possibilitou um maior entendimento sobre o nosso tempo histórico, enriquecendo os conteúdos por nós explorados nas práticas de estágio do curso de Artes Visuais - Licenciatura, IAD/UFPel. A síntese realizada nos propiciou, além da produção textual ora apresentada, o embasamento necessário para a elaboração de uma proposta de oficina prática realizada no segundo semestre 2010 com alunos da rede pública de ensino.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Se buscarmos uma representação metafórica da essência do contexto contemporâneo não há melhor do que a alegoria *O Mito da Caverna*, que compõe o livro VII de *A República*, de Platão. Nele o filósofo narra a realidade de homens que vivem presos e praticamente imóveis dentro de uma caverna, acreditando que as sombras refletidas na parede são a única realidade existente. Por terem somente este ponto de vista, os homens tomam como verdade o que vêem, sem sequer imaginar a existência do mundo real fora da caverna. Na metáfora platônica, quando um destes homens foge e conhece o mundo exterior à caverna, em princípio, não consegue ver a realidade devido ao excesso de claridade, no entanto, com o tempo e com sacrifício, o homem se adapta e começa a enxergar. Ao voltar e reencontrar os outros que permaneciam acorrentados no interior da caverna, conta sobre a sua experiência no mundo real, mas ninguém acredita na sua revelação.

Para entendermos as relações estabelecidas por Platão é importante compreender os conceitos de *ignorância* e seu oposto *conhecimento*. Para filosofia platônica o ser ignorante é aquele que toma como realidade tudo àquilo que lhe é oferecido sensorialmente sem questionar a origem das imagens e quais as suas funções, transformando o visto em realidade imutável, independente de sua veracidade. Já o *conhecimento* não se limita a uma busca pela verdade dos objetos, mas sim pela contemplação das idéias, a reflexão sobre as suas relações com o meio além de sua mera identificação.

Em *A caverna* de José Saramago (2000), a caverna é substituída pela cidade, um conjunto de grandes prédios, shoppings centers, lojas e condomínios, assim como a conhecemos. Como declara o autor em entrevista dada a Folha:

Quando digo que as pessoas que estão na caverna somos todos nós é porque damos muito mais atenção às imagens do que àquilo que a realidade é. Estamos lá dentro olhando uma parede, vendo sombras e acreditando que elas são reais (Saramago, 2000, disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/04/2000111101.html>>).

Saramago metaforicamente problematiza o modo de vida capitalista através de “A caverna”, mostrando como o homem contemporâneo esquece a sociabilidade, voltando-se completamente para o trabalho e o consumo. O autor refere-se a um modelo que foi criado, imposto e historicamente aceito como

sistema econômico, de modo a condicionar a sociedade, como se as sombras fossem a realidade, buscando os padrões de consumo que são vendidos como padrões de felicidade.

Cada vez mais perdemos os vínculos afetivos, a relação com a natureza e as particularidades de cada cultura em prol deste sistema baseado na desigualdade de forças. Toma-se como padrão os tipos físicos, bens de consumo e modos de vida divulgados pela mídia sem perceber que existe o mundo real, com realidades culturais particulares que não podem ser substituídas por um único padrão, pois a realidade consiste na diversidade e na complexidade humana. Acabamos por reproduzir de forma mecânica e inconsciente os valores impostos, não questionando os reflexos disto em nossas vidas.

As sombras contemporâneas são padrões disseminados através dos meios de comunicação de massa formando uma imagem ilusória da realidade, seduzindo a entrada e permanência das pessoas na *caverna*. Quando não se entra neste *mundo das sombras* fica-se à margem, sendo excluído da vivência padronizada, de modo que as alternativas marginais são hostis, enquanto a mera aceitação torna-se cômoda.

Criar as possibilidades para a educação de um olhar inquisidor na área de Artes, tendo como base a cultural visual, é a tarefa do educador atualmente. O olhar que deve acostumar-se a luz, a verdade, entendendo a verdade como um jogo de interpretações e não um conceito pronto e estagnado.

4 CONCLUSÕES

A partir do levantamento bibliográfico e dos estudos sobre o problema de pesquisa “O papel das imagens na contemporaneidade e o uso das teorias de cultural visual em arte/educação” foi possível a compreensão da relevância das teorias sobre a cultural visual e suas aplicações à arte/educação. As abordagens da cultura visual em sala de aula problematizam as vivências cotidianas de modo que os estudantes não sejam passíveis na recepção das imagens que os rodeiam. Elas possibilitam que as imagens sejam percebidas de forma crítica e reflexiva, acabando com a passividade daqueles ainda “presos na caverna de Platão”.

Através de mecanismos presentes na sociedade, como por exemplo, os meios de comunicação de massa, chegam até nós informações em sua maioria visuais. Estas imagens são produzidas com objetivos diferenciados, atendendo sempre a um determinado ideal, a partir dos quais construímos nossos conhecimentos e a representação que temos da realidade.

Considerando a quantidade e riqueza visual que nos cerca e a falta de habilidade na leitura crítica dessa visualidade devido a uma série de carências sócio-estruturais, torna-se indispensável uma abordagem pedagógica que privilegie a cultura visual e seus impactos sobre os sujeitos. Deste modo, com uma proposta reflexiva o educador tem a possibilidade de questionar/problematizar os argumentos presentes no imaginário contemporâneo que constroem os sujeitos. Desse modo é possível interpretar e reelaborar o cenário imagético que nos rodeia, repensando o que estas imagens falam sobre e para os sujeitos e de que modo os afetam, colocando em questão exatamente o papel das imagens e a finalidade/objetivo de suas produções, visando a sensibilização do olhar.

Projetos de trabalho que incluam a leitura, a discussão e a produção de imagens, tendo como ponto de partida uma temática que faz parte da vida cotidiana dos estudantes, ampliam a compreensão de questões fundamentais tais como: gênero, identidade, instituições sociais, diferenças culturais e multiculturalidade. Deste modo eles se sentirão instigados a questionar suas vivências e o modo como são estabelecidas suas relações sociais e as visões de mundo que possuem. O respeito para com suas concepções é essencial, pois embora ingênuas, no caso de ainda não terem sido sensibilizados para o tema, são os seus modos de ver o mundo e de reconhecerem-se nele. Por isso, as respostas devem ser encontradas pelo aluno como conclusão de um processo, no qual o professor atua como um mediador facilitando a livre expressão e provocando os questionamentos.

Os termos, no sentido platônico, de conhecimento e ignorância podem ser agora repensados. Um sujeito ignorante seria aquele que não tem um olhar sensibilizado diante do que o rodeia, acerca das imagens que vê e que cria do mundo. Já o conhecimento, alcançado com essa sensibilização através da problematização da cultural visual, é um olhar que compreende a importância e o quão determinantes são tais representações para que vigorem os padrões que regem a sociedade por elas veiculada.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Catadores da Cultura Visual – Proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

_____. La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación. **Educatio Siglo XXI**, Barcelona, n. 26, p. 85 – 118, 2008.

MACHADO, Cassiano Elek. **Saramago sai da caverna**. Disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/04/2000111101.html>>. Acesso em: 7 jun. 2010.

OLIVA, Juliana; MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa. Paideia e telespectador contemporâneo. **Revista Eletrônica - Iniciação Científica**, São Paulo, n. 1, p. 65 – 70, 2007.

PLATÃO. **A República**, 6º Ed. Atena, 1956, p. 287-291.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. **Educar**. Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006.